

4

Análise dos dados

Nas formas destacadas dos recortes que seguem, analisando o contexto lingüístico de cada caso, a situação de fala e a relação entre os interagentes, buscamos responder fundamentalmente às seguintes questões, formuladas a partir do estudo de Alves (2006), que é baseado na GFD (Hengevel, 2004a):

- (I) O sufixo empregado diz respeito à propriedade inerente ao lexema de base ou atribui a esse lexema uma nova qualidade?
- (II) Seu valor é semântico ou pragmático?
- (III) Ele opera no nível representacional ou no interpessoal?
- (IV) Qual sua categoria de base?

Procuramos, é claro, desenvolver tais questões tendo em vista os conceitos apresentados e tudo o que foi estudado nos capítulos anteriores.

Segundo Halliday, a noção de função diz respeito “ao papel que a linguagem desempenha na vida dos indivíduos, servindo a certos tipos de demanda, que são muitos e variados” (1973a, p.104). Com este conceito em vista e com base no estudo de Basilio (2008, p.68), classificamos as ocorrências encontradas de acordo com as seguintes funções por elas exercidas: (I) a de expressar algum tipo de avaliação, seja em relação ao objeto designado pela base, ao interlocutor ou à situação comunicativa, e (II) a de designar um novo objeto, diverso daquele representado pelo lexema de origem.

Como já mencionamos, as ocorrências que seguem fazem parte de um corpus assim caracterizado: o primeiro, indicado pela inicial *L*, de Lula, é uma entrevista concedida por nosso presidente a oito entrevistadores da *Revista Caros Amigos*; o segundo corpus, indicado pelas iniciais *LB*, de Leonardo Boff, provém também de uma situação de entrevista, desta vez concedida por esse teólogo e filósofo, a dez entrevistadores da mesma revista.

4.1

Função expressiva

Os casos apresentados abaixo corroboram as afirmações de Basilio (2008), quando explica que “a função expressiva do sufixo *-(z)ão* é demonstrar o impacto

da dimensão (por exemplo, em *cachorrão*), a excelência (como em *professorzão*) ou a intensidade (como em *grandão*) do que é expresso pela base (*ib.*, p.68)”, e que o sufixo *-(z)inho* “em geral é definido em termos de diminuição concreta de tamanho, mas também apresenta abrangência maior, indicando diminuição avaliativa, ou depreciação” (*ib.*, p.70). Ela acrescenta que o uso de *-(z)inho* pode também atenuar o significado da base ou, ainda, conferir afetividade. Veremos que este morfema, na verdade, indica muito menos diminuição concreta de tamanho do que algum tipo de avaliação.

Em suma, um sufixo exerce função expressiva quando atende ao seguinte critério, formulado a partir dos estudos de Alves (2006) e Basilio (2008): atribui uma propriedade à base, à situação ou ao interlocutor, constituindo-se de um valor pragmático e operando, portanto, no nível interpessoal da língua. Dessa forma, o emprego desse tipo de sufixo constitui uma estratégia comunicativa.

4.1.1 Avaliação positiva

Este agrupamento é constituído de todos os usos dos morfemas avaliativos que expressam algum tipo de avaliação positiva – seja admiração, afetividade, engrandecimento ou outros – em relação ao significado básico, à situação ou ao interlocutor.

(L1) *Tinha AP, Polop, eu não manjava nada, e o meu irmão era do **partidão**.* (1.39)

(L2) *Essa era uma diferença crucial e foi muito difícil porque eu não sabia quem era do **partidão**, quem era do MR-8, quem era do PC do B, então íamos para uma reunião de sindicalistas – eu era a figura mais importante do movimento sindical naquela época e, quando descobri que era preciso fundar um partido, que a gente não podia continuar votando no menos ruim, nas reuniões eu dizia: “Vamos criar um partido?”* (1.128)

(L3) *Companheiros como o **Geraldinho**, o Genoíno, o Aitan perguntavam o seguinte: “o PT é tático ou estratégico?”* (1.145)

(L4) *Aziz Ab’Saber – Lula, só para você descansar um **pouquinho**, eu queria fazer um rol de registros sobre os retrocessos que esse país tem no momento extremamente importante da história que é o fim do ano 2000 e o fim do século etc. (1.424)*

(LB1) *Então, o que dá força e coesão aos sem-terra são os seus símbolos, os seus mártires, os pedaços de roupas que eles têm, os frutos que levam, a batata, a mandioca, o **animalzinho**... (1.901)*

Nos casos acima, os morfemas *-ão* e *-(z)inho* são empregados para atribuir uma propriedade positiva ao significado expresso pelo lexema de base. Em (L1) e (L2), *-ão* acrescido a *partido* confere a este o sentido de *grande partido*, *partido hegemônico* ou *partido forte*. Já em (L3), *-inho* acrescido a *Geraldo* denota afeição e intimidade do falante frente a este. Nos três casos, o uso de *-ão* e *-inho* reflete a proximidade existente entre o falante, o presidente Lula, e as entidades representadas pelas bases, isto é, seu *partido* político e seu companheiro *Geraldo*. Isto quer dizer que esses sufixos possuem valor pragmático, afinal operam no nível do ato do discurso, o que confirma a proposta de análise da GFD (Hengeveld, 2004), que acomoda o discurso como elemento integral e muito significativo.

Em (L4), ao empregar o sufixo *-inho* com o advérbio *pouco*, o entrevistador Aziz atribui afetividade à situação comunicativa. Já em (LB1), a afetividade é atribuída ao próprio objeto designado pela base, ou seja, ao *animal*. Além disso, também podemos afirmar que as formas *pouquinho* e *animalzinho* demonstram informalidade da situação e da relação entre os interagentes. Percebemos nestes casos que a intenção de atribuir afeto à situação ou ao objeto, e a informalidade da relação entre os interagentes levaram à utilização de *-(z)inho*, isto é, as decisões nos níveis superiores determinaram as escolhas das camadas inferiores, conforme ocorre no modelo *top-down* da GFD (Camacho, 2006).

Quanto à categoria de base, dos cinco casos encontrados, quatro – (L1), (L2), (L3) e (LB1) – constituem substantivos e apenas um – (L4) – enquadra-se na classe dos advérbios.

4.1.2 Avaliação negativa

Nas formas analisadas a seguir, deparamo-nos com algum tipo de avaliação negativa – seja ironia, depreciação ou outros – da base, da situação ou do interagente.

(L5) *Fui no Ceará agora, lá tem um cartão de crédito de vinte reais. Vai na Paulista dizer que alguém tem um cartão de crédito de 20 reais. Vão falar: “isso é piada”. É piada pra nós. Agora, para um cara que chega na segunda-feira e não tem o que dar de comer para os filhos e pega um **cartãozinho** com que ele pode comprar cinco quilos de farinha, dois quilos de feijão... Pô, aquilo é um manjar dos deuses durante quatro ou cinco dias. (1.563)*

(LB2) *Ele era padrinho de todos esses discriminados e na escola nos obrigava a sentar sempre junto dos **caboclinhos**, junto a **negrinhos**, para mostrar que o filho do professor e o professor estão a favor destes. (1.71)*

(LB3) *E virou censor pessoal meu. Cada **artiguinho** que eu fazia ele corrigia tanto, que não dava nem pra publicar. (1.1191)*

Na formação destacada em (L5), o presidente Lula se utiliza do sufixo *-zinho* para ironizar o cartão com vinte reais de crédito oferecido aos cearenses desfavorecidos economicamente. Por trás dessa irônica forma *cartãozinho*, podemos perceber a crítica às diferenças sociais existentes entre os estados brasileiros.

Em (LB2), o emprego de *-inho* imprime às formas *caboclos* e *negros* uma diminuição de valor, o que percebemos por meio do enunciado como um todo. Leonardo Boff explica que eles eram discriminados na escola. Acreditamos que ele reafirma tal discriminação, utilizando-se do avaliativo *-inho* para depreciar os *caboclos* e *negros*.

Em (LB3) podemos depreender duas possíveis propriedades atribuídas por *-inho* a *artigo*: ou o enunciador pretende apenas intensificar a especificação,

referindo-se, com a forma *artiguinho*, a cada um dos artigos; ou deseja, além disso, referir-se a todo e qualquer artigo, inclusive aos de pouco valor. Lendo a entrevista na íntegra e conhecendo as características de Leonardo Boff e da Revista Caros Amigos, é possível perceber que o entrevistado acrescenta *-inho* a *artigo* para referir-se a todo e qualquer artigo, mesmo aos menos relevantes. Este caso, como os outros, ratifica a necessidade de trazer o contexto para a análise, pois somente ele pode apontar a função exata do sufixo empregado. A GFD reconhece, como vimos no capítulo anterior, a necessidade de um componente contendo todos os elementos fundamentais do contexto (Camacho, 2006, p.171).

Dentre os quatro termos destacados, encontramos duas categorias de base: dois substantivos – (L5) e (LB3) e dois adjetivos – (LB2) -.

4.1.3 Gradação expressiva

Segundo Basilio (2008, p.69), é possível haver ambigüidade entre a função expressiva e a denotativa. Ao analisar os trechos abaixo, percebemos que essa ambigüidade pode, na verdade, derivar da fusão das duas funções. A forma avaliativa *pãezinhos*, por exemplo, pode referir-se tanto a *pequenos pães*, como pode ser usada para imprimir afetividade à situação de fala. Novamente caímos na necessidade de recorrer ao contexto lingüístico, à situação e ao posicionamento dos interlocutores.

(L6) *Aziz Ab’Saber – Pra mim, é desesperante entrar na padaria, vou comprar um certo número de pãezinhos, chega um menininho e diz: “por favor, dois pãezinhos!” Não preciso dar outro exemplo, dois pãezinhos são vinte centavos. (1.460)*

(L7) *E esse partido veio crescendo em oitenta e dois, oitenta e seis, oitenta e oito, oitenta e nove. Toda eleição nós crescemos um pouquinho. É degrau por degrau, não tem nada de pular dezesseis degraus de uma vez, é um a um. (1.752)*

(L8) Aziz Ab'Saber – *nas Caravanas da Cidadania você visitou o Brasil e ouviu as pessoas, está muito mais preparado em termos de conhecimento de Brasil do que todos eles, incluindo o Fernando Henrique Cardoso, que talvez conheça mais alguns países do exterior do que o Brasil como um todo, um país que tem subdesenvolvimentos, as pessoas perdidas na beira do igarapé, no meio dos rústicos sertões marginalizados, e gente sendo gerada à vontade, que depois que cresce quer uma solução, e a solução está escrita naqueles **lugarzinhos** que nós passávamos, na porta dos bares: “a solução é São Paulo”.* (1.440)

(LB4) “*O papa não vale nada, é um **bobalhão**, eu não quero saber de aprender.*” (1.36)

(LB5) *E, como não havia estrada naqueles interiores, eu ia para o seminário nos aviões da Sadia, tudo cheio de lingüiça e frangos, e num **banquinho** da frente, eu e meu irmão, cheirando frango até São Paulo.* (1.47)

(LB6) *Lá no fundo, num canto, uma **cadeirinha**, uma pequena mesa e eu sentado lá, esperando quarenta minutos pelo cardeal.* (1.251)

(LB7) *Me levou até o fundo, onde tem uma saleta, lugar onde eram julgados todos os inquiridos. E lá está a **cadeirinha**, a mesma em que sentou Galileu Galilei, sentou Giordano Bruno... e fiz uma saudação a ela, o que irritou o cardeal.*

(LB8) *Tem uma **mesinha** no meio, a **cadeirinha** aqui, o inquisidor lá, e o notário aqui ao lado, que vai anotando tudo.* (1.402)

(LB9) *Sérgio de Souza - Continuando a história, você senta na **cadeirinha**...* (1.431)

(LB10) *Então me submeti àquele diálogo de uma hora e meia e houve uma pausa para o café. E o curioso é que foi naquela sala enorme, o **cafezinho** lá no canto e os funcionários correndo pra me pedir autógrafa e o cardeal furioso: “Ele é condenado, ele é condenado!”* (risos) (l.460)

Nas formas destacadas em (L6), (L7) e (L8), *-(z)inho* opera tanto expressiva quanto denotativamente. De fato, em *pãezinhos* e *menininho* esse sufixo denota o tamanho pequeno das duas entidades, bem como em *pouquinho* intensifica o significado da base *pouco*. Podemos dizer, com isso, que *-(z)inho* está exprimindo uma propriedade que é inerente à entidade expressa pelo lexema básico. Por outro lado, o fato de o uso desse morfema imprimir informalidade à situação de fala leva-nos a concluir que, além do valor semântico, ele possui também valor pragmático, daí os classificarmos como de “gradação expressiva”, isto é, ele tanto exprime a noção de tamanho ou quantidade quanto imprime informalidade à situação. O mesmo se dá em *banquinho*, *cadeirinha*, *mesinha* e *cafezinho*, respectivamente destacados de (LB5) a (LB10).

A forma em destaque no trecho (LB4) é uma exceção à nossa proposta de analisar apenas os sufixos mais produtivos do português, ou seja, *-(z)ão*, *-(z)aço* e *-(z)inho*. Acreditamos que esse emprego de *-alhão* com *bobo* não poderia passar sem uma análise, afinal constitui igualmente uma formação avaliativa, apesar de ser constituída de um morfema pouco produtivo. Certamente o interagente se utiliza desse termo para intensificar a qualidade expressa pelo lexema *bobo*, o que reflete certa agressividade do falante diante daquele a quem se refere. Temos, então, o nível interpessoal circunscrevendo o aspecto formal de um elemento lingüístico da interação, o que, mais uma vez, corrobora a proposta de Hengeveld (2004).

Por fim, encontramos como categorias de base doze substantivos – (L6), (L8), e de (LB5) a (LB10) –, um adjetivo – (L7) – e um advérbio – (LB4) –.

4.2

Função denotativa

De acordo novamente com Basilio, a função denotativa dos sufixos em questão é a de “designar um novo objeto, relacionado porém distinto do que é denotado pela base” (2008, p.67). A partir dessa afirmação e do trabalho de Alves (2006), os sufixos exercem função denotativa quando denotam uma propriedade que é inerente à base, possuindo, assim, valor semântico e operando no nível representacional. Isto nos leva a concluir que os sufixos que exercem função denotativa não podem ser classificados como avaliativos, afinal limitam-se ao nível representacional da língua, não operando nenhum tipo de avaliação.

4.2.1

Designação de um novo objeto

A função denotativa, portanto, consiste unicamente designação de um novo objeto da realidade, como podemos perceber nos casos que seguem. Essa função atua no nível representacional da língua, o qual, segundo Hengeveld, (2004), dá conta dos aspectos puramente formais que traduzem a função de um elemento lingüístico, estabelecendo relação com o mundo que descreve.

(L9) *Fui no Ceará agora, lá tem um **cartão** de crédito de 20 reais. Vai na Paulista dizer que alguém tem um **cartão** de crédito de 20 reais. (1.560)*

(L10) *O professor da USP me mandou uma carta dizendo o seguinte: “companheiro Lula, veja a situação do país: uma pessoa que depositou cem reais na poupança no dia da implantação do real, setenta e seis meses depois, ganhou duzentos e três reais de juros. Essa mesma pessoa que fez uma compra de cem reais no **cartão** de crédito e não pagou, setenta e seis meses depois, está com uma dívida de quinhentos e nove mil reais”. O advogado fez a conta: os juros da poupança vão para duzentos e três reais e o do **cartão** vai pra cento e vinte e sete mil reais. (1.650)*

(L11) *Por isso a direita ganha nos **grotões**, exatamente onde predomina a maioria. (1.331)*

(L12) *Um trabalhador da Ford, da Mercedes, da Volkswagen, da Scania, na época, era o bambambã, era o que tinha o primeiro carro, a melhor casa, o que, todo dia de feira, a mulher dele voltava com o **carrinho** cheio de fruta.* (1.65)

(L13) *Nestes dias fui a Belém do Pará e disse para os companheiros de Belém: “votar no Jáder Barbalho em 1980 era a única opção que a esquerda tinha contra o Jarbas **Passarinho**”.* (1.348)

(L14) *Eles já tinham dado a impressão de que não era bom, aí estou fazendo um comício em Brasília e recebo um telefonema do Gushiken: “o Lafaiete **Coutinho** precisa conversar com você, a pedido do Maluf”.* (1.396)

(LB11) *Por exemplo, em Petrópolis, durante vinte anos, às 10 horas eu celebrava a missa dos **Canarinhos**, em latim, com aquele coro extraordinário, que é um dos melhores do país, com a melódica fantástica, as grandes peças da música sacra, e eu sempre celebrava essa missa que era irradiada.* (1.152)

(LB12) *Pegar pneus e dos pneus fazer sandálias para vender, fazer artesanato, fazer **quentinhas**, mil formas como esses excluídos se organizam para poder garantir a subsistência.* (1.934)

(LB13) *Foi no grande **salão** do Santo Ofício, que deve ter pelo menos 150 metros de comprimento. Imenso **salão**, com tapetes enormes.* (1.250)

Nos nove casos acima, as palavras em negrito não expressam uma propriedade inerente ao significado da base e nem lhe atribuem uma propriedade, mas formam um novo lexema, designam uma nova entidade, que ganha entrada no dicionário. Suas origens, sim, estão relacionadas ao sentido da base, mas essas formas tomaram um significado tão próprio que se distinguem de suas bases.

Em (L9) e (L10), por exemplo, *cartão* não designa uma grande carta, mas um objeto por meio do qual é possível fazer compras. Em (L12), *carrinho* significa não um pequeno automóvel, mas um pequeno carro mecânico com o qual se carregam compras de feira ou mercado. Em suma, nenhum desses casos extrapola o nível representacional da língua, portanto não podem receber o mesmo tratamento daqueles que exercem função expressiva e consistem em estratégias discursivas. No que tange à classe de palavras em que são empregados, todos os sufixos foram acrescentados a substantivos, com exceção de (LB12), que foi acrescentado a um adjetivo.

4.3

Considerações finais

No corpus analisado não foi encontrada nenhuma ocorrência de formações com *-(z)ação*, embora este sufixo, junto com *-(z)ão*, seja apresentado por Santos (2002), em sua pesquisa sobre a produtividade dos sufixos tradicionalmente chamados de aumentativos, como um dos mais produtivos no português.

Retomando as três hipóteses descritas no Capítulo 1, as quais nos propomos testar através da análise dos dados, chegamos aos resultados que seguem.

A primeira hipótese afirma que o emprego dos morfemas *-(z)ão*, *-(z)ação* e *-(z)inho* ultrapassa o nível representacional da língua, constituindo estratégia comunicativa, ou seja, operando no nível interpessoal. Quanto ao *-(z)ação*, nada podemos concluir a partir de nossa análise, pois, como explicamos, não houve ocorrência dele. Entretanto, no que tange a *-(z)ão* e *-(z)inho*, concluímos com que podem ou não ultrapassar o nível representacional, atingindo o interpessoal. Quando o fazem, constituem os sufixos avaliativos propriamente ditos. Quando não, consistem em morfemas designadores de novas entidades, não podendo, assim, ser classificados como avaliativos.

A segunda hipótese propõe que esses sufixos exercem mais a função de avaliar positiva ou negativamente do que a de expressar a noção de aumento ou diminuição. Em todo o corpus que analisamos, encontramos esta última noção apenas nos casos classificados como de gradação expressiva e em alguns que

exercem função denotativa. Mesmo assim, a noção de tamanho parece apagada dentro da nova formação. Por exemplo, *carrinho*, presente em (L12), tem um sentido bastante próprio, o de objeto de carregar compras de feira ou mercado, não nos remetendo à idéia de tamanho pequeno. Isto igualmente ocorre com as formas que traduzem uma gradação expressiva. Em *menininho*, por exemplo, destacado em (L6), a afetividade parece sobrepor-se à noção de tamanho pequeno. Assim, de acordo com o que demonstra o corpus apresentado, podemos afirmar que os sufixos *-(z)ão* e *-(z)inho*, exercendo a função avaliativa ou a denotativa, pouco traduzem a noção de aumento ou diminuição, o que confirma a proposta de Rocha (1998), apresentada no Capítulo 2, acerca da nomenclatura desses sufixos. Finalmente, a última hipótese é a de que tais morfemas são acrescentados tanto a adjetivos, advérbios, participípios e pronomes tanto quanto a substantivos. O que encontramos em nosso corpus foi a hegemonia do substantivo como categoria de base, seguido do adjetivo e do advérbio, estes últimos em frequência muito menor do que o primeiro.

Em suma, as duas primeiras hipóteses se confirmaram no corpus selecionado para este trabalho: (I) o uso de *-(z)ão* e *-(z)inho* pode constituir estratégia comunicativa, operando no nível do ato do discurso, e (II) esses sufixos exercem mais a função de avaliar do que a de traduzir a noção de tamanho. Por outro lado, a terceira e última hipótese não se confirmou, pois a maioria dos casos encontrados possui o substantivo como categoria de base, demonstrando que as outras classes são menos preferenciais para receber os sufixos em estudo.